o papel da família no processo de socialização

EURÍDICE FREITAS *

INTRODUÇÃO

Em evolução paralela à da sociedade, a família vem passando por constantes modificações em sua estrutura, funções, valôres e padrões tradicionais. Nesse processo de transição, atravessa uma crise decisiva, cujo aspecto mais grave é sua instabilidade. Caminha, sem embargo, para um nôvo tipo de família, mais acorde com o estilo de vida moderno.

Como compensação à perda de algumas de suas funções, está a família tornando-se cada vez mais *especializada*, por dar maior importância ao desenvolvimento emocional e social do ser humano. Alicerça-se mais nas relações afetivas e responde pelas bases da conduta social. Compete-lhe, por isso, criar situações favoráveis ao desenvolvimento da criança, a fim de que esta consiga incorporar os padrões necessários à representação do papel que a sociedade lhe prescreve e atitudes adequadas nas relações interpessoais e em seus contatos, na idade adulta, com a sociedade em geral.

Êsse processo de socialização é parte do processo geral de adaptação do homem ao conjunto das tradições que as instituições transmitem. A importância da família, como transmissora da cultura, é muito grande

*) Psicóloga do ISOP — Chefe da Divisão de Orientação.

nesse processo de criação dos sistemas adaptativos do homem, vale dizer, no processo de socialização, de que trataremos neste trabalho.

CONCEITO DE SOCIALIZAÇÃO

Desde o nascimento, o indivíduo é uma pessoa que, ao longo do ciclo vital, vai gradativa e constantemente adquirindo personalidade social, à medida que se incorpore aos diferentes grupos. A êsse processo de incorporação chama-se *socialização*.

Em seu aspecto objetivo, êsse processo está condicionado às fôrças da cultura vigente, as quais, determinando os padrões da conduta social, definem também a escala de valôres e significados que configuram as várias experiências do indivíduo.

Em seu aspecto subjetivo, subordina-se êle à resposta que o ser humano dá às influências e às múltiplas exigências da sociedade.

Na situação familiar, dada a complexidade de suas interrelações, encontram-se as bases da conduta social, que adquire matizes diferentes, de acôrdo com as peculiaridades individuais e as condições psicológicas do ambiente. Assim, está na família a primeira fonte da experiência social do homem que, na infância, sendo mais sensível a estímulos, registra mais profundamente suas influências.

Tôda criança recebe originàriamente a cultura tal como a configure a própria família, cujas aspirações, idéias, interêsses e sistemas de valôres passam a formar parte intrínseca da personalidade em desenvolvimento. À família compete, evidentemente, transmitir a cultura da época, levando todos os seus membros a assimilar as formas de conduta admitidas pelo grupo e a nêle integrar-se, participando assim da sociedade. Mas "nenhuma família vive perfeitamente de acôrdo com o código de comportamento que a cultura prescreve para o treinamento de filhos e a vida familiar em geral".[1] Cada unidade familiar elabora à sua maneira as normas e padrões instituídos, em função da personalidade total de cada um de seus membros e dos "acidentes" sobrevindos a cada um dos elementos constitutivos e à família mesma, que é como uma superestrutura da personalidade.

---

1) ALEXANDER, Franz. Influência Educativa dos Fatôres da Personalidade no Ambiente, In: *Personalidade na Natureza, na Sociedade e na Cultura*, de C. Kluckhorn e H. Murray, 1965.

Em certo sentido, portanto, cada família implanta de maneira original o processo da "primeira culturação", expressão que Herskovits[2] emprega como equivalente à socialização, à educação, ao condicionamento. O processo de culturação, que não termina na primeira infância, é o meio pelo qual o indivíduo assimila as tradições de seu grupo e age em função dessas tradições.

BASES PSICOLÓGICAS DA SOCIALIZAÇÃO

O processo da "primeira culturação" torna-se possível precisamente porque a criança, dependente que é, necessita ser amada e protegida. Colocada ao nascer em situação inteiramente nova e desarmada para enfrentá-la, tem ela de aprender novos padrões de conduta e de encontrar a satisfação de suas necessidades fundamentais, o que só é possível em suas relações com a mãe ou quem a substitua. A escola psicanalítica tem mostrado, e com muito relêvo, o quanto a frustração da criança, por ter sido privada do seio materno, repercute na integração psíquica do indivíduo adulto, acentuando o quanto a "relação mãe-filho" influi na segurança emocional e no conceito de auto-estima.

Desde a mais tenra idade, a criança aprende a conquistar o amor e a proteção dos pais, obedecendo à disciplina e acatando à autoridade dos mais velhos. Essa atitude de dependência, biològicamente determinada, é de grande eficácia no longo período de imaturidade do ser humano, cuja plasticidade possibilita o processo educativo. É sôbre a natural dependência da criança que se apóia a autoridade dos pais, a fim de lhe transmitir as normas de conduta, autoridade que, em parte, é requerida pela criança, pois a ela está condicionada a satisfação de suas necessidades básicas, fisiológicas e psicológicas. Essa dependência continua sendo eficaz durante os anos formativos e "nenhum indivíduo chega a perder completamente a atitude de dependência — escreve Kardiner — em especial durante crises que transcendem sua capacidade. Em alguns caracteres neuróticos, porém, perdura tôda a vida como técnica predominante de adaptação".[3]

O têrmo disciplina que, etimològicamente, significa instrução e treinamento, refere-se a qualquer método de orientar ou de controlar a

2) HERSKOVITS, M. J. *Les Bases de L'Anthropologie Culturelle* (trad.), Paris, Payot, 1952.
3) KARDINER, Abram. *El Individuo y su Sociedad*, México, Fondo de Cultura, 1945.

conduta, estando intimamente ligado aos conceitos de autoridade e dependência.

A atitude dos pais, associada aos métodos disciplinares, é sumamente importante na socialização da criança, pelo complexo de emoções que transmite. Contudo, nenhum método disciplinar específico exerce, nas primeiras idades, influência automática e invariável, afirmação na qual são unânimes K. Horney, E. Fromm, A. Kardiner, Mowrer e L. Murphy. Não há, em realidade, qualquer atitude independente da situação humana que é, em si mesma, dinâmica e específica; nenhuma experiência infantil é passiva, nem pode ser isolada do contexto bio-psico-cultural em que a criança se desenvolva.

No lar, disciplina e autoridade se exercem para *dirigir* ou *restringir* a conduta, seja treinando a criança na repressão de suas exigências descabidas, seja proibindo-lhe certas atividades, seja ainda apontando-lhe tipos e modos de conduta, ou ajudando-a a canalizar suas energias por vias socialmente aceitas. De qualquer forma, disciplina e autoridade estão associadas, visando à orientação adequada da conduta da criança, para a promoção de um crescimento saudável e para a aquisição de atitudes sociais, de auto-contrôle e auto-determinação.

MECANISMOS DA CULTURAÇÃO

A influência cultural se exerce por meio de formas básicas de disciplina, que, em nossa cultura, relacionam-se com a *alimentação,* o *desmame,* o *vestuário,* o *contrôle dos esfíncteres,* a *limpeza,* a *ordem* e as *manifestações da sexualidade,* visando à conformação do indivíduo pelos padrões sociais vigentes.[4]

Em sua "primeira culturação", que ocorre nos anos marcadamente formativos da infância, o ser humano aprende as formas de comportamento admitidas pelo grupo e, quase sempre, assimila essas formas de tal maneira que seus pensamentos e sistema de valôres refletem essa influência. Não se infira desta asserção que a criança seja elemento inteiramente passivo nesse processo. Se é verdade que, na infância, o ser humano já tende a adaptar-se aos padrões e às normas culturais da sociedade em que vive, antropólogos e psicólogos, em casuística extensa, têm surpreendido as conseqüências das formas de disciplina nas reações afetivas, emocionais e sociais do indivíduo adulto.

4) KARDINER, Abram. Obra citada.

Ao impor à criança requisitos culturais, as formas de disciplina estabelecidas pela família interferem na adaptação biológica existente. Contribuem elas para a modificação no modo de perceber os impulsos naturais, limitam as oportunidades de escolha para a ação e influem na formação de sentimentos em relação às pessoas detentoras de autoridade. Essas formas de disciplina são ministradas, no lar, por meio de proibições, diretas ou veladas, de aprovações ou desaprovações, de punições e ameaças, ou de elogios, recompensas e prêmios.

A escola topológica, de Kurt Lewin, mostra que, no lar, a criança vive num campo de fôrças interatuantes, impulsoras umas, repressoras outras, as quais possibilitam ou limitam a atividade infantil. As proibições dos pais, as ameaças, os castigos, os obstáculos físicos e as restrições à atividade exploratória da criança operam como verdadeiras barreiras ou limites impostos aos seus movimentos, impedindo-lhe a satisfação das necessidades e dificultando-lhe o desenvolvimento social. Tais barreiras originam quase sempre conflitos entre fôrças eqüipotentes, opostas em sua direção. Dêsses conflitos deriva tal tensão que crianças e adolescentes tratam de superar as barreiras, destruindo-as, ou destruindo a si mesmos.

Para Adler, a neurose seria assim uma forma de escapar a conflitos entre valências igualmente positivas e negativas. A criança que, por exemplo, não quer fazer exercícios de matemática e que, se não os fizer, será castigada; a presença física da mãe coercitiva atua, na situação, como uma barreira, de tal modo que escapar a essa situação lhe será impossível. A neurose que se instala será a forma negativa de escapar ao conflito.

Quando as formas de disciplina se estabelecem para reprimir constantemente os impulsos do indivíduo, frustrando-o na satisfação das necessidades e motivos, seus efeitos manifestam-se no bloqueio do desenvolvimento da atividade reprimida, no do crescimento do *ego*, e também na diminuição do conceito de auto-estima, além de contribuir para a formação de sentimentos e atitudes hostis para com o elemento opressor.

O efeito da disciplina, no entanto, é determinado não só pelo valor que a cultura lhe empreste, como pela atitude dos pais, associada ao método disciplinar, e pela constituição orgânica da criança, que reage sempre aos estímulos que a rodeiam de maneira peculiar à sua constituição e temperamento.

A criança interpreta e modifica as fôrças sociais de acôrdo com as suas necessidades e desejos, como também desenvolve padrões de res-

postas ou mecanismos, no sentido de obter a satisfação e *gratificação* de seus impulsos e motivos.

Foi Adler quem mostrou como as condições orgânicas da criança determinam padrões típicos de conduta, expressos no estilo de vida que passa a adotar. As crianças orgânicamente deficientes reagem às imposições da disciplina acentuando o sentimento natural de inferioridade, desenvolvendo temores, desconfiança, hostilidade e inveja dos companheiros, atitudes que a incompatibilizam no seu ajustamento social.

No que diz respeito ao impulso sexual, sua importância é profundamente afetada pelo meio social em que a criança viva, de modo que a orientação dêsse impulso variará em consonância com o valor que o grupo lhe atribua. As experiências e observações de Margaret Mead e de outros antropólogos mostraram a influência dos preconceitos no comportamento sexual e em suas manifestações, revelando que o sexo, como forma de motivação, difere de intensidade de grupo para grupo.[5]

A exagerada valência positiva de que é investido o sexo em certas culturas é função de outros fatôres que não apenas os de ordem biológica. Margaret Mead observa que, nos grupos em que não se salienta a necessidade sexual, verifica-se menos intensidade de motivação. Na cultura da Samoa, por exemplo, notou a ausência de interêsse exagerado sôbre o sexo, disso decorrendo a quase inexistência de perversões e neuroses, em evidente contraste com outras culturas por ela estudadas.

Para Margaret Mead, portanto, muito desvio de personalidade, muita insanidade mental geralmente atribuídos ao sexo, devem ser levados à conta dos tabus e dos padrões culturais; êsses, ao reprimirem o impulso e ao controlar sua satisfação, exageram o interêsse pela necessidade sexual, que passa, então, a elemento dominante na personalidade.

Com efeito, a imposição de padrões culturais a certos impulsos contribui para localizar a atenção nas tensões e valências correspondentes, acentuando sua importância na dinâmica pessoal. Os castigos e as ameaças não sòmente dão relêvo à necessidade sexual, como tornam mais agradáveis os prazeres proibidos.

A interrupção de uma atividade, como bem o mostraram os topologistas, não acalma a tensão que o impulso provocou. A menos que apareça uma atividade substitutiva, a criança punida, quando surpreen-

5) MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento* (trad.), Buenos Ayres, Editorial Abril (c. 1947).

dida ao tocar os órgãos genitais, por exemplo, retornará tão cêdo quanto possível à atividade interrompida.

No lar, as formas culturais de disciplina são impostas antes que a criança seja capaz de entendê-las. Entretanto, dependente que é, a criança aprende a aceitar as proibições e a obedecer, porque esta é a condição de ser amada e protegida.

Pela disciplina, o ambiente social impõe o que é permitido e o que é proibido, e tal imposição interfere sempre no impulso, que passa a ser percebido como algo de bom ou que faça sofrer. Psicólogos e antropólogos vêem na atitude dos pais, em relação a imposições de ordem sexual, as origens de algumas formas pervertidas da conduta em relação ao sexo.

Não se podem separar as necessidades e impulsos do dinamismo total da personalidade, que os *percebe* e os *configura,* à maneira de algo positivo ou negativo. Se a disciplina, por exemplo, conduz à *gratificação* (alívio, liberação de tensões, prazer) propiciará o desenvolvimento de um normal conceito de auto-estima, de sentimentos de segurança e confiança; se, ao contrário, atuar apenas como elemento repressor e frustrador dos impulsos, determinará sentimentos de insegurança e incapacidade, enfraquecendo o conceito de auto-estima. A exagerada repressão dos impulsos reflete-se, quase sempre, no bloqueio do desenvolvimento psicológico, gerando caracteres inibidos, tímidos, ansiosos e imaturos.

O cinema, o rádio, a televisão, a imprensa e até a moda, constantemente induzem à valorização positiva do impulso sexual, intensificando-o. No meio brasileiro, a propaganda encarrega-se de pôr os assuntos sexuais em relêvo e, em muitos grupos, há verdadeira pressão social para que o adolescente não só adquira experiência sexual, como fale e se conduza irreverentemente a respeito do sexo. Em alguns jovens, cria-se uma situação de verdadeiro conflito entre a consciência moral, que teme transgredir os padrões *internalizados* na infância, e o desejo de afirmar-se como "homem", tal como o concebe o grupo, para não ser alvo de motejos.

Como fatalidade universal, o complexo de Édipo não tem sido ratificado por antropólogos que não o observaram em várias culturas; o fenômeno não ocorre onde o triângulo pai-mãe-filho seja estruturado de maneira diferente do da nossa cultura. Muitos psicólogos são acordes em afirmar que a ocorrência da reação edipiana é antes condicionada pela

atitude dos pais, a qual, por sua vez, é moldada nas expectativas da cultura.

DISCIPLINA E AUTORIDADE

Na dinâmica da situação familiar, a relação emocional entre pais e filhos na administração das formas básicas de disciplina é de incalculável importância na organização e estruturação da personalidade. A evolução da conduta social com a capacidade de estabelecer relações harmoniosas é condicionada por essa relação, donde a indiscutível importância de seu estudo.

Ao estudar a influência dos fatôres ambientais na personalidade, Franz Alexander [6] observou que as relações emocionais entre a criança e os outros membros da família são fatôres não só decisivos como de efeitos irreversíveis em sua estruturação básica. Posteriormente, exposta a personalidade a outras influências, a elas se ajusta; assimila costumes, ideais e aspirações, adquirindo traços característicos dos novos meios culturais. Contudo, os *aspectos que a definem e a diferenciam de outra personalidade, dependem das primeiras experiências sociais e emocionais vividas no lar de origem.*

Psicólogos e sociólogos, louvando-se em investigações sôbre a dinâmica familiar, concluem pela afirmação de que "os fatôres de relação e interação pessoal no ambiente da família importam muito mais do que as condições materiais de vida".

Assim é que Gordon Pearson, em estudos realizados numa Clínica de Orientação Infantil de Filadélfia, chegou à conclusão de que "as atitudes emocionais dos pais exercem maior influência na formação de personalidade dos filhos do que os acontecimentos e os fatos físicos".[7]

Helen Witmer, pesquisando a influência dos pais no ajustamento social do indivíduo, inferiu que "o grau de desajustamento nas relações pai-filho é o principal motivo de tratamento psiquiátrico".[8]

Psicólogos brasileiros confirmam essas conclusões quando, através de entrevistas e testes projetivos, encontram alta freqüência de desa-

6) Obra citada.

7) ORLANSKY, H. Infant Care and Personality. In: *Psychological Bulletin*, January, 1949.

8) ORLANSKY, H. Artigo citado.

justamentos emocionais, determinados principalmente pela pressão de pais dominadores, pela carência de afeto no lar, pelas discórdias e desorganização de lares, desfeitos por separações e desquites.

Em geral, as crianças dos lares emocionalmente desequilibrados ou desfeitos vão aumentar o já numeroso contingente de desajustados de tôda espécie, que a complexidade da vida atual incrementa e agrava.

A observação comum abona a primazia do clima emocional do lar sôbre as condições materiais, no ajustamento pessoal. Entre outros, Helen Morey, escritora patrícia, no prefácio de seu livro "Minha Vida de Menina", escreve: "Vocês não precisam de ter pena das meninas pobres, pelo fato de serem pobres... a felicidade não consiste em bens materiais, mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições..."